



GT 021. Antropologia e tecnociência: teorias, métodos e perspectivas

Fabiola Rohden (UFRGS) - Coordenador/a, Marko Synésio Alves Monteiro (UNICAMP) - Coordenador/a, Jane Araújo Russo (IMS-UERJ) - Debatedor/a, Fabrício Monteiro Neves (Universidade de Brasília) - Debatedor/a, Guilherme José da Silva e Sá (Departamento de Antropologia - UnB) - Debatedor/a)

O objetivo deste GT ? promover a discuss?o sobre as interfaces entre ci?ncia, tecnologia, sociedade e poder, a partir da produ??o antropol?gica contempor?nea. Dessa forma, busca ampliar o espa?o de discuss?o do campo da Antropologia da Ci?ncia e da Tecnologia, tanto no sentido de consolidar debates em andamento quanto na inten??o de refletir sobre as perspectivas dessas investiga?es para o futuro. Temas como biossocialidades, biomedicaliza??o, pr?ticas de produ??o de conhecimento em laborat?rios e as interfaces entre conhecimentos cient?ficos e n?o cient?ficos t?m sido muito investigados em anos recentes. Ao lado desses temas, quest?es como as rela?es entre humanos-n?o humanos (dentro e fora de institui?es cient?ficas), redes de produ??o de ci?ncia e tecnologia e as intera?es entre "n?s" e cosmologias n?o ocidentais v?m dando cada vez mais densidade ? reflex?o antropol?gica. Ao lado da renova??o dos temas de pesquisa, antrop?logos/as envolvidos com a tecnoci?ncia v?m tamb?m ajudando a reconstruir teorias. Seja na cr?tica da Teoria Ator-Rede, ou no efervescente campo dos Estudos Sociais da Ci?ncia e da Tecnologia, temas como associa?es, performactivity e pol?ticas ontol?gicas v?m ganhando terreno na an?lise social, com forte participa??o de antrop?logos/as e do m?todo etnogr?fico. O GT buscar? reunir trabalhos que ajudem a construir uma reflex?o sobre o papel que a Antropologia vem tendo nesse cen?rio de reflex?es.

?Errar (meioticamente) é humano?: controvérsias em torno dos casos de mosaicismos embrionário na prática clínica dos screenings pré-implantacionais

Autoria: Janaína Freitas

No ano de 1967, um manuscrito, publicado na revista Nature por Robert Edwards e Richard Gardner fez a primeira menção científica ao que hoje é conhecido como diagnóstico ou screening pré-implantacional. O diagnóstico e o screening pré-implantacional prevê a identificação de alterações genéticas e cromossômicas nos embriões através da biópsia e da análise de algumas células com vistas à seleção de embriões saudáveis para a implantação uterina. Durante entrevistas com médicos e embriologistas que realizam esses diagnósticos, empreendidas como parte da minha pesquisa de doutorado, me deparei com um interessante achado etnográfico: altas taxas de mosaicismos embrionários identificadas através do screening pré-implantacional. O mosaicismos é uma ocorrência biológica, desenvolvida durante a fase de divisão celular, em que há a presença de células euploides (normais) e aneuploides (anormais) em um mesmo embrião. O screening pré-implantacional para aneuploidias demonstrou que as taxas de mosaicismos embrionário, consideradas falhas genéticas, são tão altas que, a depender da idade materna, podem inclusive ser superiores as taxas de normalidade, tal como me relatou um médico entrevistado: ?se viu em laboratório que 50% a 60% dos embriões, feitos em laboratório, são aneuploides, são cromossomicamente alterados (...) E com a idade, isso aumenta, acima de 45 anos é 70%.? Os mosaicismos podem apresentar diferentes taxas de células euploides e aneuploides incorrendo em complicados dilemas técnicos e éticos na prática do screening pré-implantacional no que se refere à seleção embrionária. Tendo em vista que a biópsia embrionária é realizada apenas em algumas das células do embrião podendo gerar uma alta ocorrência de erros de



diagnóstico, e que nem todos os casos de mosaicismos produzem alterações fenotípicas (e mesmo quando produzem, nem todas apresentam riscos graves à saúde), os médicos, embriologistas e pacientes ficam com a dúvida: ?transfere ou não transfere??. O caso do mosaicismo embrionário parece ser um produtivo achado etnográfico para pensar sobre as relações entre técnica e biologia, em um contexto de desenvolvimento de diagnósticos genéticos precoces. Afinal, trata-se de uma técnica que pretende selecionar embriões ?normais? para implantação e se depara, na prática, com altíssimas taxas de anormalidade cujos efeitos fenotípicos são apenas parcialmente previsíveis. Uma das frases da embriologista: ?A gente não sabe quantos de nós somos mosaicos. Quem que vai lá fazer teste genético??. reflete um pouco essas controvérsias. Este work pretende iniciar a discussão desses recentes achados etnográficos que sugerem que a multiplicidade genética pode ser muito mais comum do que imaginamos, sendo (ironicamente) desvelada por um aparato de normalização.



Realização:



Apoio:



Organização:

